

MANIFESTAÇÕES SINTÁTICAS DO PRINCÍPIO DA ICONICIDADE NA FALA E NA ESCRITA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA DA REALIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE SNs NA FUNÇÃO SINTÁTICA DE SUJEITO E DA FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DE ORAÇÕES¹

Juliano Desiderato ANTONIO²

- RESUMO: A visão da gramática como entidade autônoma e a concepção de língua como sistema autocontido, sem interferência de fatores externos, têm sido adotadas e difundidas desde a Antigüidade Clássica até os dias atuais pela Gramática Tradicional e pelas correntes lingüísticas vinculadas ao pólo formalista. No entanto, estudos têm demonstrado que a língua pode refletir, de alguma forma, a estrutura da experiência humana. Neste trabalho, discute-se a questão da iconicidade a partir da visão funcionalista de linguagem. Para isso, efetuou-se um levantamento da relação entre grau de explicitude e realização morfológica de SNs na função de sujeito (entidade sintática) e também um levantamento da frequência de ocorrência de orações paratáticas, de orações hipotáticas, de orações encaixadas e de orações independentes em um *corpus* formado por narrativas orais, narrativas escritas, elocuções formais e trabalhos acadêmicos.
- PALAVRAS-CHAVE: Iconicidade; motivações em competição; funcionalismo.

Considerações iniciais

A discussão a respeito da relação entre expressão e conteúdo remonta à Antigüidade Clássica, quando convencionalistas e naturalistas debatiam a respeito das motivações das palavras. Para os primeiros, tudo na língua é fruto de convenção social, ao passo que, para os últimos, há uma relação natural entre a expressão e aquilo que ela designa (NEVES, 1987; CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003).

Ao estabelecer os parâmetros epistemológicos que permitiriam o estabelecimento da Lingüística enquanto ciência, Ferdinand de Saussure adotou

¹ Participaram desta pesquisa os acadêmicos Aline Almeida Inhoti (PIC-UEM) e Michel Platiny Assis Navarro (PIBIC-UEM/CNPq).

² UEM – Departamento de Letras – 87020-900 – Maringá – PR – Brasil. Endereço eletrônico: jdantonio@uem.br

a posição dos convencionalistas, afirmando que o signo lingüístico é arbitrário (SAUSSURE, 1989).

Essa posição, no entanto, é questionada por alguns filósofos e pelas teorias do paradigma lingüístico funcionalista. O filósofo Charles Peirce (BUCHLER, 1940), por exemplo, discorda da idéia de total arbitrariedade do signo. Para ele, as regras convencionais são fruto da interação de princípios icônicos com princípios simbólicos.

Os funcionalistas defendem que “[...] a língua não é um mapeamento arbitrário de idéias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p.34). Assim, pode-se dizer que o funcionalismo defende o princípio da iconicidade, ou seja, defende que há alguma relação entre expressão e conteúdo e que a língua pode refletir, de alguma forma, a estrutura da experiência.

Neste trabalho, realiza-se, a partir do quadro teórico-metodológico do funcionalismo, um levantamento de manifestações lingüísticas do princípio da iconicidade (relação entre grau de explicitude e realização morfológica de SNs na função de sujeito; frequência de ocorrência de orações paratáticas, de orações hipotáticas, de orações encaixadas e de orações independentes) em um *corpus* formado por narrativas orais, narrativas escritas e textos pertencentes ao domínio discursivo científico (elocuções formais – modalidade oral; trabalhos acadêmicos – modalidade escrita).

Considerações teóricas: o funcionalismo e o princípio da iconicidade

Dentre os pontos comuns que caracterizam e unem as diversas correntes funcionalistas, podem ser citados, como exemplos, o pressuposto de que a função primordial da linguagem é servir de instrumento para a comunicação entre os seres humanos (BUTLER, 2003; NEVES, 1997; NICHOLS, 1984), a integração dos vários níveis de análise (inclusive os níveis semântico e pragmático, que são centrais em qualquer modelo que se declare funcionalista), além da relação entre cognição e linguagem, pois há restrições cognitivas sobre a recuperação de itens lingüísticos estruturais e, uma vez que se queira investigar a língua em sua função comunicativa, esses fatores devem ser levados em conta. Também se reconhece a importância do discurso e das relações contextuais, uma vez que a comunicação não se dá por meio de frases, mas, sim, por meio do discurso multiproposicional, organizado em estruturas conhecidas como conversação, palestra, reunião, carta formal/informal, etc. Nessas categorias, reconhece-se a importância da relação entre os textos e os contextos em que são criados e compreendidos.

Outro ponto comum para as teorias funcionalistas é o reconhecimento da competição entre motivações internas e externas, que, segundo Du Bois (1985), demonstra que a língua é um sistema adaptável. Adaptável, porque responde às pressões externas, e sistema, porque certas categorias gramaticalizadas são conservadas para serem utilizadas como formas cristalizadas, o que enfraquece a rígida distinção formalista entre sincronia e diacronia. A figura 1 (DU BOIS, 1985, p.361) representa essas motivações em competição.

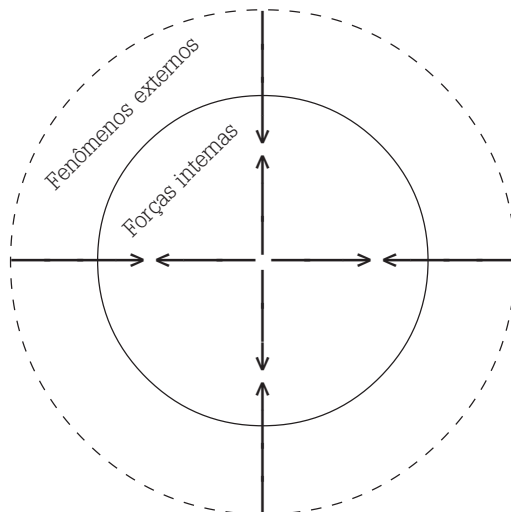


Figura 1 – Representação da competição entre motivações no sistema linguístico

Assim, reconhecer a existência de motivações externas à língua equivale a dizer que existe, sim, alguma relação de similaridade entre forma e conteúdo e que a sintaxe e a gramática não são autônomas. Também se deve considerar que “[...] os padrões não se impõem ao uso, mas, pelo contrário, os usos estabelecem padrões” (NEVES, 2003, p.34).

A visão funcionalista a respeito das motivações não é inocente a ponto de defender que a forma linguística reflete de forma direta, transparente e biunívoca (isomorfismo) princípios extragramaticais. Além disso, os funcionalistas têm consciência de que ainda não conhecem toda a lista de fatores motivadores. Para Dik,

em vez disso, uma visão não simplista da “explicação funcional” deverá levar em conta que a organização de uma língua natural é uma solução para um problema complexo, o “espaço de solução” que é circunscrito por uma série de princípios motivados funcionalmente que interagem e contra-interagem. Uma língua natural, portanto, pode ser vista como um conjunto de possíveis soluções para um problema complexo: atingir a comunicação entre os seres humanos. (1986, p.18, tradução nossa)

Butler (2003) apresenta alguns fatores de pressão sobre a língua que ajudam a dar forma às expressões linguísticas. Dentre esses fatores, é relevante para os objetivos deste trabalho o princípio da não-arbitrariedade, segundo o qual há algum grau de similaridade entre a forma e o conteúdo das expressões linguísticas. Dois dos exemplos da não-arbitrariedade citados por Butler (2003) serão investigados neste trabalho:

- a complexidade formal reflete a complexidade semântica, como os períodos nos quais predomina a hipotaxe, em que se estabelece maior número de relações lógico-semânticas;
- o grau de explicitude da expressão linguística está relacionado com o grau de previsibilidade de seu referente.

Também será investigado, neste trabalho, o subprincípio da quantidade, apresentado por Cunha, Costa e Cezario (2003). De acordo com esse subprincípio, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Esse subprincípio também prevê que a complexidade do pensamento tende a se refletir na complexidade da expressão. Assim, aquilo que é mais simples e mais previsível é expresso com menor complexidade gramatical. A previsibilidade de um tópico em uma oração, por exemplo, permite que um referente seja recuperado por elipse. Por outro lado, relações lógico-semânticas complexas tendem a ser codificadas em períodos com predominância de hipotaxe.

Considerações metodológicas

O *corpus* da pesquisa foi formado por quatro gêneros de textos: elocuções formais, trabalhos acadêmicos, narrativas orais e narrativas escritas. As elocuções formais foram gravadas durante a apresentação de trabalhos de alunos do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com autorização prévia solicitada. Os textos acadêmicos analisados foram os trabalhos apresentados pelos graduandos em Letras em suas elocuções formais. Já as narrativas orais e as narrativas escritas foram coletadas a partir da exibição de um vídeo mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do enredo. Optou-se por um filme mudo para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam linguisticamente a história.

A quantificação dos dados referentes à combinação de orações foi feita com o apoio da ferramenta computacional Systemic Coder, versão 4.5.³ O programa

³ Disponível para *download* no *site* <http://www.wagsoft.com>.

permite ao usuário criar uma rede sistêmica hierárquica de traços lingüísticos de modo a facilitar a codificação de dados. O usuário primeiro realiza a segmentação e, em seguida, cada segmento é apresentado individualmente na tela do computador para que os traços pertinentes a ele possam ser codificados. Por último, os dados obtidos são apresentados estatisticamente.

Os tipos de orações considerados neste trabalho (paratáticas, hipotáticas e encaixadas) são baseados no modelo de Halliday (1985), que tem como base o complexo de orações – seqüência de orações estruturalmente ligadas. Uma das dimensões para a interpretação dos elementos de um complexo é o sistema tático, ou de interdependência. Nesse sistema, há dois tipos de interdependência: paratática e hipotática. No primeiro caso, a relação se estabelece entre elementos de mesmo estatuto, sem que um dependa do outro, como no exemplo 1, retirado de uma narrativa oral do *corpus*. No segundo caso, o estatuto dos elementos não é igual, ou seja, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado, como no exemplo 2, encontrado em uma narrativa escrita do *corpus*. Deve-se observar que as orações hipotáticas analisadas no trabalho são apenas as do tipo hipotática adverbial.

- (1) 1 .. ouviu música,⁴
2 assistiu danças,
3 ... e andou pela praça.

- (2) Quando ele chegou na cidade, foi diretamente para um hotel.

A oração da qual uma oração hipotática depende será chamada, neste trabalho, oração-núcleo, como é o caso da oração do exemplo 2 “foi diretamente para um hotel”.

Halliday (1985) apresenta também um mecanismo chamado *integração* ou *encaixamento*. Nesse mecanismo, uma oração funciona como elemento constituinte da estrutura de outra oração, como nos exemplos 3 e 4 a seguir, retirados de narrativas orais do *corpus*. A relação da oração encaixada com uma oração externa é indireta, pois o grupo que forma com a oração principal funciona como intermediário nessa relação. Assim, uma oração encaixada não estabelece relações táticas (de interdependência) com outras orações.

- (3) .. mas logo desvenda .. que a cidade é muito triste,

- (4) comprou um jornal ... de um garoto que estava na esquina,

⁴ Nos exemplos retirados de textos orais, utilizou-se uma convenção baseada nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993, p.11-12) com algumas adaptações fundamentadas em Chafe (1985): pontos no início ou no meio da unidade indicam pausa (quanto maior o número de pontos, mais longa a pausa); ponto no final da unidade indica entonação descendente (final de frase); vírgula no final da unidade indica entonação ascendente ou estável (continuação).

A oração à qual uma oração encaixada se integra será chamada, neste trabalho, oração-matriz. Podem ser citadas como exemplo de oração-matriz as orações dos exemplos 3 e 4 “.. mas logo desvenda” e “comprou um jornal ... de um garoto”.

Neste trabalho, além das orações paratáticas, hipotáticas e encaixadas, serão consideradas também as orações independentes. Embora se reconheça que não existem orações independentes do contexto em que estão inseridas, este rótulo está sendo utilizado para as orações que não fazem parte de um complexo oracional, ou seja, orações que ocorrem mais “soltas” no texto por não estarem ligadas a uma cadeia de orações, como no exemplo 5 a seguir, encontrado em uma narrativa oral do *corpus*.

- (5) 1 Nesse:: .. nesse pequeno filme,
2 .. passou uma história .. de um:: rapaz ..

No que diz respeito à determinação do estatuto informacional dos conceitos, utilizou-se o modelo de Prince (1981), no qual a definição do estatuto informacional das entidades do discurso é feita textualmente, ou seja, um elemento será considerado novo quando for mencionado pela primeira vez no texto; será considerado evocado quando for retomado, e, inferível quando fizer parte de um modelo cognitivo como um *frame* ou um esquema.

Análise dos dados

Identidade do sujeito e manifestação morfológica

Nesta seção do trabalho, serão apresentados os resultados relativos à relação entre a identidade do sujeito e a manifestação morfológica do sujeito. Primeiramente, serão analisadas a manutenção de um mesmo sujeito em uma cadeia de orações paratáticas e a mudança de sujeito em uma cadeia de orações paratáticas. Em seguida, analisar-se-á a identidade de sujeito entre oração-núcleo e oração hipotática. A análise levará em conta o gênero do texto (narrativa, elocução formal e trabalho acadêmico) e modalidade língua (oral e escrita).

Orações paratáticas

A observação dos dados apresentados nos quadros 1 e 2 permite a comparação do tipo de manifestação morfológica do sujeito de orações paratáticas em narrativas orais, em narrativas escritas, em elocuições formais e em trabalhos acadêmicos.

			mesmo sujeito		sujeito diferente		primeira menção	
			N/total	%	N/total	%	N/total	%
Ensino Superior	Oral	lexical	11/359	3%	50/121	41%	22/25	88%
		pronominal	83/359	23%	64/121	53%	2/25	8%
		elíptico	265/359	74%	6/121	5%	1/25	4%
		oracional	-	-	1/121	1%	-	-
	Escrita	lexical	17/238	7%	47/93	51%	22/24	92%
		pronominal	30/238	13%	40/93	43%	1/24	4%
		elíptico	191/238	80%	5/93	5%	1/24	4%
		oracional	-	-	1/93	1%	-	-

Quadro 1 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações paratáticas - NARRATIVAS

			mesmo sujeito		sujeito diferente		primeira menção	
			N/total	%	N/total	%	N/total	%
Ensino Superior	Elocuções Formais	lexical	12/301	4%	86/95	91%	35/35	100%
		pronominal	220/301	73%	8/95	8%	-	-
		elíptico	69/301	23%	1/95	1%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-
	Trabalhos Acadêmicos	lexical	13/257	5%	316/343	92%	7/8	88%
		pronominal	50/257	19%	3/343	1%	-	-
		elíptico	194/257	75%	5/343	1%	1/8	13%
		oracional	-	-	19/343	6%	-	-

Quadro 2 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações paratáticas – ELOCUÇÕES FORMAIS E TRABALHOS ACADÊMICOS

Em primeiro lugar, observa-se que, em se tratando da manutenção do mesmo sujeito em uma cadeia, tanto nas narrativas quanto nas elocuições formais e nos trabalhos acadêmicos, há uma frequência muito baixa de ocorrência de SNs lexicais (de 3% a 7%). Isso se explica pelo subprincípio da quantidade, segundo o qual aquilo que é mais simples e mais previsível é expresso com menor complexidade gramatical. Pode-se depreender disso que o contrário também é verdadeiro, ou seja, aquilo que não é previsível (informação nova) é expresso com maior quantidade de material lingüístico, isto é, por meio lexical (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003) e não por meio pronominal ou por meio de elipse. O princípio da não-arbitrariedade (BUTLER, 2003) também reforça esse argumento, uma vez que, de acordo com esse princípio, o grau de explicitude da expressão lingüística está relacionado com o grau de previsibilidade de seu referente. Dessa forma, justifica-se a preferência dos informantes pelos SNs pronominais e pelos SNs elípticos para a manutenção de um mesmo sujeito em uma cadeia de orações subseqüentes, como pode ser observado nos exemplos 6 e 7 a seguir, retirados de elocuições formais do *corpus*.

- (6) 1 bom ... a fala .. como nós vemos,
2 .. ela apresenta algumas variações,
3 .. que:: pode ser HISTÓRICA,
4 .. ou seja .. éh:: nós .. éh analisarmos um falante de hoje com um de dez anos atrás,
5 .. ela pode ser .. SOCIAL,
6 .. em detrimento:: .. ah:: .. o sexo a escolaridade etc,
7 .. ela poder GEOGRÁFICA,
8 .. em relação ao lugar onde a pessoa mora,
9.. determinadas regiões as falas são diferentes,
10 .. e ela pode ser ESTILÍSTICA,
11 .. que:: .. seria .. o estilo formal e informal de uma pessoa .. falar da maneira que ela fala.

Observa-se, no exemplo 6, que o tópico “variações” é introduzido na unidade 2 como objeto do verbo “apresentar”. Na unidade 3, esse tópico é sujeito da oração e retomado pelo pronome relativo “que”. Nas unidades 5, 7 e 10, é retomado por meio do pronome pessoal “ela”.

- (7) 1 ... e como metodologia .. nós coletamos .. éh .. dados sobre a teoria do dialeto caipira
2 .. sob a ótica da lingüística,
3 .. nós entrevistamos .. um falante do dialeto caipira,
4 .. analisamos a música moda da pinga,
5 .. e .. por fim construímos o artigo.

No exemplo 7, o sujeito que aparece nas duas primeiras unidades na forma pronominal “nós” é retomado nas unidades 3 e 4 por meio de elipse.

Ainda um dado interessante observado nos quadros 1 e 2 é o fato de que os informantes utilizam com maior frequência, na manutenção do sujeito de uma cadeia de orações paratáticas, SNs elípticos nas narrativas orais (74%), nas narrativas escritas (80%) e nos trabalhos acadêmicos (75%). Nas elocuções formais, a maior frequência de ocorrência é de SNs pronominais (73%). A explicação para isso está relacionada às condições de produção dos textos. Como se tratava da apresentação oral de um trabalho científico perante uma platéia, os informantes constantemente relatavam suas descobertas, suas opções teórico-metodológicas por meio de processos verbais cujo sujeito era o pronome “nós” ou a expressão “a gente”. Das 220 ocorrências de SNs pronominais na manutenção de um mesmo sujeito em uma cadeia de orações paratáticas, 116 tinham como sujeito “nós” ou “a gente”.

A mudança de sujeito em uma cadeia de orações paratáticas, por sua vez, apresenta diferenças entre as narrativas e as elocuções formais e os trabalhos acadêmicos. Nas narrativas, os informantes utilizam preferencialmente SNs lexicais e SNs pronominais para essa finalidade. Na modalidade oral, 41% das ocorrências são de SNs lexicais e 53% das ocorrências são de SNs pronominais,

ao passo que, na escrita, 51% das ocorrências são de SNs lexicais e 43% das ocorrências são de SNs pronominais. A frequência de SNs elípticos utilizados na mudança de sujeito em uma cadeia de orações paratáticas é de apenas 5% tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Embora a frequência seja baixa, deve-se ressaltar que o interlocutor do texto pode perceber a mudança de sujeito em uma sequência de orações paratáticas desde que as desinências número-pessoais das orações em que há mudança de sujeito sejam diferentes, como no exemplo 8 a seguir, encontrado em uma narrativa oral do *corpus*.

- (8) 1 ... ele a rapta pela janela do quarto,
2 e saem voando felizes pela cidade,

Na unidade 1, os pronomes “ele” e “a” indicam a existência de um personagem do sexo masculino e de um personagem do sexo feminino. Na oração seguinte da cadeia, o sujeito é elíptico e a mudança de sujeito é marcada pela desinência número-pessoal do verbo “sair”, que indica terceira pessoal do plural, remetendo aos dois personagens mencionados na unidade 1. Como essa informação já é conhecida pelo interlocutor, o falante pode “empacotá-la” dessa forma, ou seja, pode remeter a esses dois personagens por meio de elipse e marcar essa referência por meio da desinência número-pessoal do verbo.

Nas elocuições formais e nos trabalhos acadêmicos, a grande maioria das mudanças de sujeito em uma cadeia de orações paratáticas é realizada por meio de SNs lexicais (91% na modalidade oral – elocuições formais e 92% na modalidade escrita – trabalhos acadêmicos). A explicação para isso talvez esteja relacionada à classe semântica dos referentes. No filme utilizado para obtenção das narrativas do *corpus*, há predominância de personagens humanos de ambos os sexos e há poucos elementos inanimados. Isso favorece a mudança para um sujeito cujo referente é masculino por meio do pronome “ele”, assim como a mudança para um sujeito do sexo feminino por meio do pronome “ela”. É o que pode ser observado no exemplo 9 a seguir, retirado de uma narrativa oral do *corpus*.

- (9) 1 ... foi quando ele encontrou ... com uma moça que estava caminhando também.
2 ... parou na frente dela,
3 ... flertou-a,
4 ... e ela também fez o mesmo.

Na primeira unidade do exemplo, o sujeito é codificado morfologicamente por meio do pronome “ele”. Nas unidades 2 e 3, esse sujeito é retomado por elipse. Na unidade 4, a mudança de sujeito é marcada pelo pronome “ela”.

Ao contrário do que geralmente ocorre nas narrativas do *corpus*, nas elocuições formais e nos trabalhos acadêmicos, os informantes abordam temas

abstratos como, por exemplo, *preconceito lingüístico*, *problemas de letramento*, *incorporação de novas palavras ao léxico do português* etc., favorecendo a ocorrência mais alta de SNs lexicais, como pode ser observado no exemplo 5, encontrado em um trabalho acadêmico do *corpus*.

(10) [...] e, cada grupo se caracteriza por experiências sociais diversas e essas diferenças vão refletir-se na forma de cada um deles se expressar.

A primeira oração do exemplo 10 tem como sujeito o SN lexical “cada grupo”. A oração seguinte da cadeia, por sua vez, tem como sujeito o SN lexical “essas diferenças”.

Por fim, a primeira menção de um sujeito é feita primordialmente por meio de SN lexical. Se a informação é desconhecida do interlocutor, o melhor meio para introduzi-la no texto é por meio de uma entidade lexical, o que justifica a frequência de ocorrência, que vai de 88% a 100%. Novamente, recorre-se ao princípio da não-arbitrariedade (BUTLER, 2003) para que esses dados possam ser explicados. Se o grau de explicitude da expressão lingüística está relacionado com o grau de previsibilidade de seu referente, pode-se afirmar que a introdução de informação nova, que é pouco previsível, deve ser feita da maneira mais explícita possível para que o interlocutor possa interpretá-la, e a maneira mais explícita de se fazer isso é por meio de um SN lexical.

Orações hipotáticas

Por meio dos quadros 3 e 4, pode-se comparar o tipo de manifestação morfológica do sujeito de orações hipotáticas em narrativas, em elocuições formais e em trabalhos acadêmicos, nas modalidades de língua oral e escrita.

			mesmo sujeito		sujeito diferente		primeira menção	
			N/total	%	N/total	%	N/total	%
Ensino Superior	Oral	lexical	11/359	3%	50/121	41%	22/25	88%
		pronominal	83/359	23%	64/121	53%	2/25	8%
		elíptico	265/359	74%	6/121	5%	1/25	4%
		oracional	-	-	1/121	1%	-	-
	Escrita	lexical	17/238	7%	47/93	51%	22/24	92%
		pronominal	30/238	13%	40/93	43%	1/24	4%
		elíptico	191/238	80%	5/93	5%	1/24	4%
		oracional	-	-	1/1118	1%	-	-

Quadro 3 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações hipotáticas – NARRATIVAS

			mesmo sujeito		sujeito diferente		primeira menção	
			N/total	%	N/total	%	N/total	%
Ensino Superior	Elocuções Formais	lexical	2/80	3%	31/53	58%	-	-
		pronominal	41/80	51%	16/53	30%	-	-
		elíptico	37/80	46%	5/53	9%	-	-
		oracional	-	-	1/53	2%	-	-
	Trabalhos Acadêmicos	lexical	5/146	3%	76/88	86%	-	-
		pronominal	17/146	12%	-	-	-	-
		elíptico	124/146	85%	4/88	5%	-	-
	oracional	-	-	6/88	7%	-	-	

Quadro 4 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações hipotáticas – ELOCUÇÕES FORMAIS E TRABALHOS ACADÊMICOS

Primeiramente, observa-se uma baixa frequência de ocorrência de SNs lexicais na função de sujeito quando a oração hipotática adverbial tem o mesmo sujeito da oração-núcleo. Essa frequência vai de 3% a 7%. Novamente, retomase o subprincípio da quantidade, segundo o qual aquilo que é mais simples e mais previsível é expresso com menor complexidade gramatical, o que explica a maior frequência de SNs pronominais e SNs elípticos quando a oração hipotática adverbial e a oração-núcleo têm o mesmo sujeito, como nos exemplos 11 e 12 a seguir, encontrados em elocuções formais.

(11) 1 .. esse projeto desconsidera a questão de que existem indígenas,
2 .. já que ele diz que a língua brasileira é homogênea,

(12) .. verificar se a pronúncia padrão é:: da língua inglesa continua quando é transferida para um falante de língua portuguesa.

No exemplo 11, o tópico “esse projeto”, que funciona como sujeito da unidade 1, é retomado na unidade 2 por meio do pronome “ele”, uma vez que é tratado como informação velha pelo falante. O mesmo ocorre no exemplo 12, em que o tópico “pronúncia padrão da língua inglesa” da oração-núcleo é retomado na oração hipotática adverbial temporal por meio de elipse.

Assim como acontece na manutenção de um mesmo sujeito em uma cadeia de orações paratáticas, os informantes utilizam com maior frequência, quando se mantém o mesmo sujeito na oração-núcleo e na oração hipotática, SNs elípticos nas narrativas orais (74%), nas narrativas escritas (80%) e nos trabalhos acadêmicos (85%). Nas elocuções formais, a maior frequência de ocorrência é de SNs pronominais (51%). Novamente, recorre-se às condições de produção dos textos para a explicação desse fato. As referências feitas pelos informantes às suas descobertas, opções teórico-metodológicas etc. eram feitas por meio de processos verbais cujo sujeito era o pronome “nós” ou a expressão “a gente”.

Das 41 ocorrências de SNs pronominais quando há identidade entre sujeito da oração-núcleo e sujeito da oração hipotática, 13 têm como sujeito “nós” ou “a gente”.

Quando o sujeito da oração hipotática adverbial é diferente do sujeito da oração-núcleo, observa-se que, nas narrativas, os SNs pronominais são muito utilizados como sujeito da oração hipotática. Nas narrativas orais, a frequência é de 53% e, nas narrativas escritas, a frequência é de 43%. Por outro lado, nas elocuições formais e nos trabalhos acadêmicos, predominam os SNs lexicais como sujeito da oração hipotática quando o sujeito da oração-núcleo é diferente. A frequência é de 58% nas elocuições formais e de 86% nos trabalhos acadêmicos. Novamente, recorre-se à classe semântica dos referentes para a explicação desses dados. Nas narrativas, predominam os personagens humanos. Assim, a referência a esses personagens pode ser feita facilmente por meio de pronomes pessoais e esse parece ser um recurso bastante utilizado pelos informantes que participaram da pesquisa quando o sujeito da oração adverbial é diferente do sujeito da oração-núcleo, como é o caso do exemplo 9, em que o sujeito da oração-núcleo é “ele” (unidades 1-3), e o sujeito da oração hipotática é “eles” (unidade 4). Nas elocuições formais, por sua vez, o tratamento de temas abstratos parece não favorecer o uso desse tipo de recurso.

- (13) 1 ... aí .. ele pegou,
 2 ... e::,
 3 ... pegou e foi buscar ela,
 4 .. pra eles fugir.

Combinação de orações

A análise do quadro 5 fornece um panorama da distribuição da frequência de ocorrência de cada tipo de oração no *corpus*.

	Independente		Paratática		Hipotática		Encaixada	
	N/total	%	N/total	%	N/total	%	N/total	%
Narrativa oral	24/736	3,3	505/736	68,6	107/736	14,5	100/736	13,6
Narrativa escrita	13/560	2,3	355/560	63,4	103/560	18,4	89/560	15,9
Elocução formal	145/861	16,8	431/861	50,1	139/861	16,1	146/861	17
Trabalho acadêmico	0/1192	-	608/1192	51	245/1192	20,5	339/1192	28,5

Quadro 5 – Distribuição da frequência de ocorrência de cada tipo de oração no *corpus*

Primeiramente, deve-se observar que as orações independentes são as que têm a frequência de ocorrência mais baixa no *corpus*. Nas narrativas, a frequência é de 3,3% na modalidade oral e de 2,3% na modalidade escrita. Nas elocuições

formais, a ocorrência é de 16,8%, ao passo que, no trabalho acadêmico, não há nenhuma ocorrência.

A explicação para esses dados está relacionada às condições de produção de cada gênero de texto e das modalidades oral e escrita da língua, em especial no que diz respeito ao planejamento dos enunciados (OCHS, 1979). Quando produziram as narrativas, os informantes haviam assistido a um filme que serviria de roteiro para a elaboração dos textos. Como o falante já tem uma visão global do texto que irá produzir, pode dedicar mais tempo a uma maior elaboração tática e lógico-semântica de seus enunciados. Assim, orações que ocorrem fora de um complexo oracional tendem a ocorrer com frequência mais baixa. Observe-se novamente o exemplo 5, reproduzido a seguir:

- (5) 1 Nesse:: .. nesse pequeno filme,
2 .. passou uma história .. de um:: rapaz ..

No momento da produção das elocuições formais, embora os falantes tivessem delimitado tópicos que seriam desenvolvidos em suas falas, não tinham um “roteiro” a ser seguido como no caso das narrativas. Isso quer dizer que os falantes precisavam de mais tempo para planejar seus enunciados. Pode-se supor, portanto, que o planejamento simultâneo com a produção do enunciado favoreceu uma frequência mais alta de orações que ocorrem “soltas” no texto.

Por outro lado, sabe-se que o gênero trabalho acadêmico é um dos que exige maior adequação formal à língua padrão escrita. Além disso, o texto escrito pode ser planejado “globalmente”, tem-se uma visão do texto como um todo, e também pode ser “editado”, isto é, não aparecem no texto escrito as marcas de sua elaboração (CHAFE, 1985). Dessa forma, o produtor do trabalho acadêmico escrito tem não apenas a possibilidade como também a obrigação de produzir um texto completamente coeso e com encadeamento formal adequado aos padrões exigidos para esse gênero de texto, o que explica a não ocorrência de orações independentes, que ocorrem “soltas” em um texto.

As orações paratáticas são as que apresentam frequência de ocorrência mais alta no *corpus*. Nas narrativas orais, a frequência é um pouco mais alta (68,6%) do que nas narrativas escritas (63,4%). Nos textos do domínio discursivo científico, a frequência de ocorrência das orações paratáticas é mais baixa, 50,1% nas elocuições formais e 51% nos trabalhos acadêmicos. Tal resultado pode ser explicado pela natureza dos textos analisados no *corpus*. As narrativas tratam de ações e eventos que se sucedem no tempo, o que favorece a parataxe, como no exemplo a seguir, retirado de uma narrativa oral.

- (14) 1 .. empurra .. o pai da garota,
2 .. derruba ela/ele no chão,
3 ... e sai correndo pra fora,

Por outro lado, a argumentação no trabalho acadêmico exige o uso de mecanismos lingüísticos que codifiquem as relações lógico-semânticas que o falante deseja expressar. Embora as relações lógico-semânticas possam ser encontradas em qualquer tipo de texto, é no trabalho acadêmico, argumentativo por natureza, que elas ocorrem com maior freqüência, o que pode ser usado para explicar a alta freqüência de orações hipotáticas (20,5%) nos trabalhos acadêmicos.

No que diz respeito à hipotaxe, é interessante observar que a freqüência de ocorrência desse mecanismo tático é sempre mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral. Nas elocuções formais, a freqüência das orações hipotáticas é 4,4% mais baixa do que nos trabalhos acadêmicos escritos. Nas narrativas, a diferença na freqüência das orações hipotáticas entre as modalidades oral e escrita é 3,9%. Novamente, recorre-se às diferenças no processo de produção da fala e da escrita para a explicação desses dados. Na fala, a produção é concomitante com o planejamento, dificultando o uso de estruturas táticas mais complexas que envolvam maior elaboração. Por outro lado, quem escreve dispõe de mais tempo para procurar os meios lingüísticos mais adequados para expressar as relações que deseja. Esses dados servem de argumento a favor do princípio da não-arbitrariedade, segundo o qual a complexidade formal reflete a complexidade semântica, como os períodos nos quais predomina a hipotaxe, em que se estabelece maior número de relações lógico-semânticas (BUTLER, 2003). Pode-se mencionar também o subprincípio da quantidade, citado por Cunha, Costa e Cezario (2003), segundo o qual a complexidade do pensamento tende a se refletir na complexidade da expressão. O quadro 6 também fornece subsídio a favor desse argumento.

	Paratática		Hipotática		Encaixada		Independente	
	N/total de orações-núcleo em cada conjunto de textos	%	N/total de orações-núcleo em cada conjunto de textos	%	N/total de orações-núcleo em cada conjunto de textos	%	N/total de orações-núcleo em cada conjunto de textos	%
Narrativa oral	97/107	90,7	2/107	1,9	7/107	6,5	1/107	0,9
Narrativa escrita	93/103	90,3	4/103	3,9	5/103	4,9	1/103	1
Elocução formal	86/139	61,9	12/139	8,6	12/139	8,6	29/139	20,9
Trabalho acadêmico	155/245	63,3	53/245	21,6	32/245	13	5/245	2,1

Quadro 6 – Tipos de oração-núcleo

O complexo oracional no qual uma oração hipotática se encontra pode ser mais complexo ou menos complexo estruturalmente, de acordo com o tipo de oração-núcleo ao qual a oração hipotática está ligada. Quando uma oração hipotática se liga a uma oração-núcleo hipotática ou a uma oração-núcleo encaixada, pode-se encontrar um complexo oracional que se resolve em uma série de combinações entre orações de níveis diferentes, uma vez que orações-núcleo desses dois tipos já estão ligadas a outras orações, ou seja, estabelece-se uma hierarquia de diversos níveis entre as orações que se combinam. Por outro lado, quando uma oração hipotática se liga a uma oração-núcleo independente ou a uma oração-núcleo paratática, o complexo oracional é mais simples estruturalmente, uma vez que orações-núcleo desses dois tipos não estarão ligadas com orações de outros níveis. Em outras palavras, pode-se dizer que, no interior dos complexos oracionais em que ocorrem orações hipotáticas, há uma maior complexidade estrutural na combinação entre orações.

Pode-se observar, no quadro 6, que a frequência de ocorrência das orações-núcleo hipotáticas é mais alta na escrita (3,9% nas narrativas escritas; 21,6% nos trabalhos acadêmicos) do que na fala (1,9% nas narrativas orais; 8,6% nas elocuções formais). Em relação às orações-núcleo encaixadas, a frequência de ocorrência dessas orações é muito baixa nas narrativas (apenas 7 ocorrências na modalidade oral e 5 ocorrências na modalidade escrita), não possibilitando uma boa distribuição dos dados. Por outro lado, nos textos do domínio discursivo científico, a distribuição dos dados é satisfatória e observa-se também uma maior frequência de orações-núcleo encaixadas na modalidade escrita (trabalhos acadêmicos: 13%) do que na modalidade oral (elocuções formais: 8,6%). Isso pode ser explicado pelo fato de a escrita permitir que se focalize uma maior quantidade de informação de cada vez (CHAFE, 1985; 1992), possibilitando a construção de complexos oracionais mais complexos estruturalmente, como pode ser observado nos exemplos a seguir, retirados de trabalhos acadêmicos.

- (15) Assim, o caipira é definido como um homem rústico, pois, apesar de a expansão capitalista ocorrer também no meio rural, a cultura caipira sobrevive bravamente.
- (16) É exatamente isso que acontece com o dialeto caipira que, por ser uma variedade usada por trabalhadores rurais, por pessoas que vivem nestas regiões, geralmente, distantes das regiões urbanas, (...) é constantemente estigmatizado, considerado como uma corrupção da língua.

No exemplo 15, encontra-se uma oração hipotática adverbial concessiva (“...apesar de a expansão capitalista ocorrer ...”) intercalada em uma oração hipotática adverbial causal (“...pois a cultura caipira sobrevive...”) que funciona como sua oração-núcleo. No exemplo 16, a oração adverbial causal (“por ser uma variedade...”) está intercalada em sua oração-núcleo, que é a oração encaixada “...o dialeto caipira que...”.

Voltando-se ao quadro 5, observa-se que a frequência de ocorrência das orações encaixadas também é maior na modalidade escrita (narrativas orais: 15,9%; trabalhos acadêmicos: 28,5%) do que na modalidade oral (narrativas orais: 13,6%; elocuções formais: 17%). Como as orações encaixadas funcionam como constituinte de uma outra oração, tornando sua estrutura mais complexa, novamente é nossa hipótese que, na modalidade oral, devido ao fato de se poder focalizar menor quantidade de informação de cada vez (CHAFE, 1985; 1992), os falantes utilizam com maior frequência orações que se envolvem em relações táticas mais simples, como as orações independentes e as orações paratáticas. Por isso, na escrita, em que há mais tempo para o planejamento e para o “empacotamento” da informação (CHAFE, 1985; 1992), a frequência de orações encaixadas é mais alta.

Assim como acontece com as orações hipotáticas adverbiais, os complexos oracionais em que se encontram as orações encaixadas também podem ser mais complexos ou menos complexos estruturalmente, de acordo com o tipo de oração-matriz à qual elas estão ligadas. Quando uma oração encaixada se liga a uma oração-matriz independente ou a uma oração-matriz paratática, o complexo oracional no qual se encontra se torna mais simples do que quando se liga a uma oração-matriz hipotática ou a uma oração-matriz encaixada, uma vez que estas duas últimas já estão ligadas a outras orações, estabelecendo relações hierárquicas entre as orações, como pode ser observado no exemplo a seguir, retirado de um trabalho acadêmico.

(17) [...] o enfoque deste trabalho é apresentar a variação da fala que ocorre no português brasileiro, que se diferencia em cada região do país.

	Paratática		Hipotática		Encaixada		Independente	
	N/total de orações-matriz em cada conjunto de textos	%	N/total de orações-matriz em cada conjunto de textos	%	N/total de orações-matriz em cada conjunto de textos	%	N/total de orações-matriz em cada conjunto de textos	%
Narrativa oral	72/100	72	13/100	13	7/100	7	8/100	8
Narrativa escrita	58/89	65,2	9/89	10,1	15/89	16,9	7/89	7,9
Elocução formal	84/146	57,5	12/146	8,2	27/146	18,5	23/146	15,8
Trabalho acadêmico	235/339	69,3	53/339	15,7	51/339	15	-	-

Quadro 7 – Tipos de oração-matriz

Como pode ser observado no quadro 7, a frequência de orações-matriz hipotáticas somada à frequência de orações-matriz encaixadas é mais alta nos textos escritos do que nos textos orais. Isso se deve ao fato de a modalidade escrita permitir que se focalize uma maior quantidade de informação de cada vez e também permitir que se disponha de mais tempo para “empacotar” a informação (CHAFFE, 1985; 1992), tornando possível que sejam empregadas estruturas mais complexas estruturalmente no interior dos complexos oracionais.

Considerações finais

Este trabalho procurou retomar a antiga discussão a respeito da relação entre expressão e conteúdo. Por meio do arcabouço teórico do funcionalismo, investigou-se uma manifestação linguística da não-arbitrariedade na sintaxe e no discurso, realizando-se um levantamento da relação entre grau de explicitude e realização morfológica de SNs na função de sujeito (entidade sintática) e também um levantamento da frequência de ocorrência de orações paratáticas, de orações hipotáticas, de orações encaixadas e de orações independentes.

A análise dos dados obtidos a partir de um *corpus* formado por narrativas orais, narrativas escritas, elocuições formais e trabalhos acadêmicos permitiu a confirmação do princípio da não-arbitrariedade e do subprincípio da quantidade.

Investigando-se a relação entre grau de explicitude e realização morfológica de SNs na função de sujeito, no que diz respeito ao princípio da não-arbitrariedade, observou-se que a introdução de informação nova, que é pouco previsível, deve ser feita da maneira mais explícita possível para que o interlocutor possa interpretá-la, e a maneira mais explícita de se fazer isso é por meio de um SN lexical, o que justifica a alta frequência de SNs lexicais para a introdução de informação nova. Em relação ao subprincípio da quantidade, segundo o qual aquilo que é mais simples e mais previsível é expresso com menor complexidade gramatical, observou-se a preferência dos informantes pelos SNs pronominais e pelos SNs elípticos para a manutenção de um mesmo sujeito em uma cadeia de orações subseqüentes.

Investigando-se a frequência de ocorrência dos diferentes tipos de orações, no que diz respeito ao princípio da não-arbitrariedade, observou-se que a frequência de ocorrência da hipotaxe é sempre mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral, uma vez que o uso desse mecanismo tático leva ao estabelecimento de um maior número de relações lógico-semânticas. Em relação ao subprincípio da quantidade, observou-se, na modalidade escrita, frequência mais alta de ocorrência de mecanismos que permitem maior empacotamento da informação.

Também pôde ser observada no *corpus*, no que diz respeito à relação entre grau de explicitude e realização morfológica de SNs na função de sujeito, uma

diferença lingüística motivada pelas diferenças nas condições de produção de cada tipo de texto. A mudança de sujeito em uma cadeia de orações paratáticas e a não identidade entre sujeito da oração-núcleo e sujeito da oração hipotática apresentam diferenças entre as narrativas e as elocuções formais e os trabalhos acadêmicos. Nas narrativas, os informantes utilizam preferencialmente SNs lexicais e SNs pronominais para essa finalidade. Nas elocuções formais e nos trabalhos acadêmicos, a grande maioria das mudanças de sujeito é realizada por meio de SNs lexicais. A explicação para isso está relacionada à categoria semântica dos referentes. Nas narrativas, há predominância de personagens humanos de ambos os sexos e há poucos elementos inanimados, o que permite a retomada por meio de pronomes que indiquem gêneros diferentes, por exemplo, ou por meio de desinências verbais que indiquem pessoas diferentes do discurso. Por outro lado, nas elocuções formais e nos trabalhos acadêmicos, os informantes abordam temas abstratos, favorecendo a ocorrência de SNs lexicais.

Uma outra diferença lingüística motivada pelas diferenças nas condições de produção de cada tipo de texto pôde ser observada na freqüência de ocorrência dos diferentes tipos de orações. Nos textos do domínio discursivo científico, argumentativos por natureza, observou-se maior freqüência de ocorrência de orações hipotáticas do que de orações paratáticas. Por outro lado, as narrativas favorecem uma freqüência mais alta de orações paratáticas em contraposição aos textos do domínio discursivo científico, uma vez que as narrativas tratam de ações e eventos que se sucedem no tempo.

Pode-se pressupor, portanto, que há alguma relação entre expressão e conteúdo e que a língua pode refletir, de alguma forma, a estrutura da experiência.

ANTONIO, J. D. Syntactic manifestations of iconicity principle in oral and written language: a functional analysis of morphological coding of NPs working as syntactic subject and of frequency of clauses. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.195-214, 2008.

- *ABSTRACT: The view of grammar as an autonomous entity and the concept of language as a self-contained system, without interference from external factors, have been adopted and disseminated since Classical Antiquity by Traditional Grammar and formalist linguistic theories. However, studies have shown that language can somehow reflect the structure of human experience (iconicity principle). This topic is discussed in this paper from the functionalist point of view. In order to provide arguments towards the iconicity principle in syntax, the relationship between degree of explicitness and morphological coding of NPs working as syntactic subject has been investigated quantitatively. The frequency of paratactic clauses, hypotactic clauses, embedded clauses and independent clauses has also been quantified in a corpus formed by oral narratives, written narratives, lectures and written scientific texts.*
- *KEYWORDS: Iconicity; competing motivations; functionalism; formalism.*

Referências

BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (Ed.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.105-123.

_____. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p.267-294.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj : DP&A, 2003.

DIK, S. C. On the notion of "functional explanation". *Belgian Journal of Linguistics*, Bruxelles, v.1, p.11-52, 1986.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.343-365.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

NEVES, M. H. M. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1987.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Que gramática estudar na escola?: norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v.43, p.97-117, 1984.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p.51-80.

BUCHLER, J. (Ed.). *The philosophy of Peirce*. New York: Harcourt and Brace, 1940.

PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p.223-255.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

Recebido em outubro de 2007

Aprovado em fevereiro de 2008